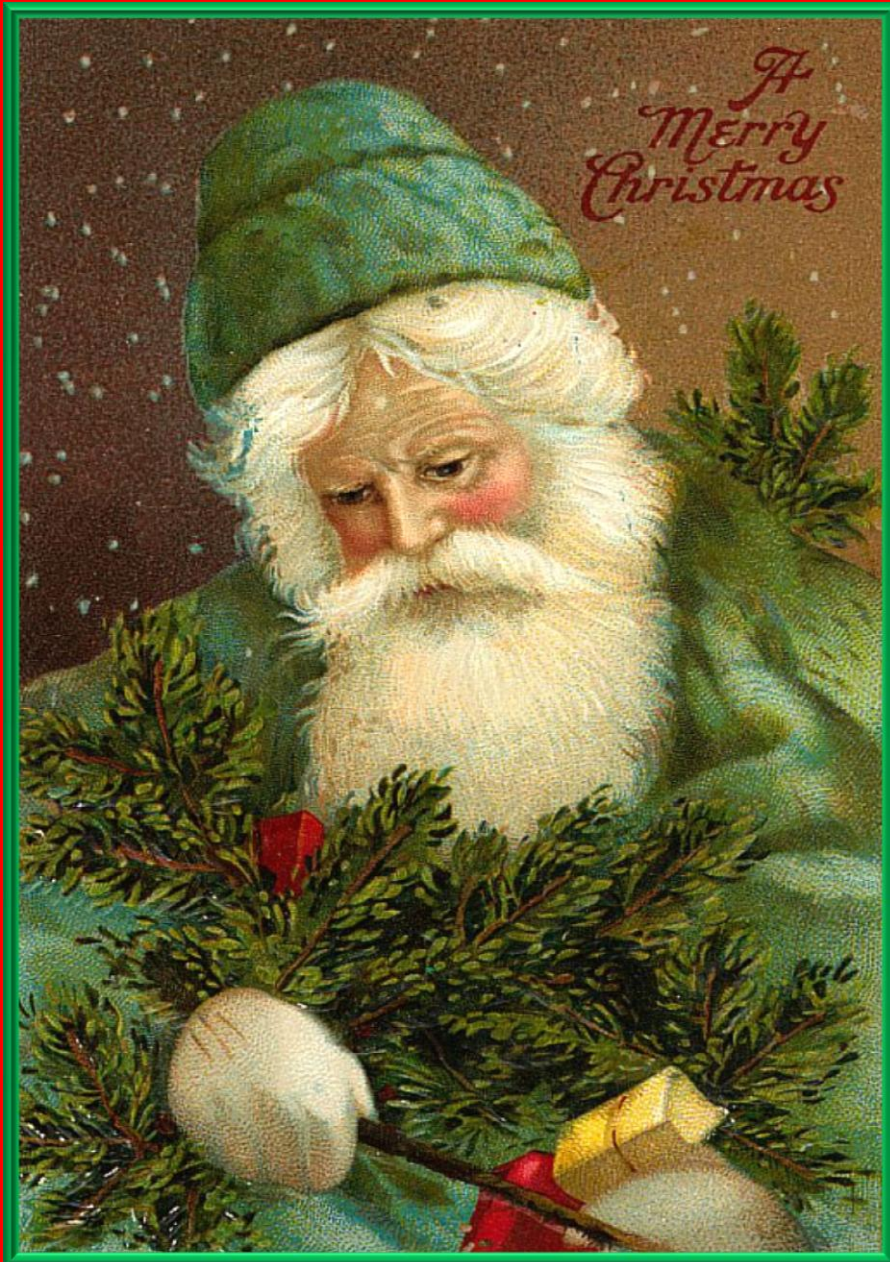


Memória Escoteira

**CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO
A MEMÓRIA DO ESCOTISMO BRASILEIRO**



Nº 18

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2012

NOSSA CAPA

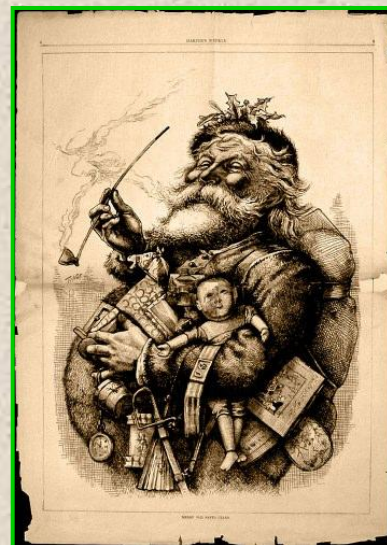
PAPAI NOEL

Poucas datas comemorativas possuem simbologia tão rica quanto o Natal. Da árvore, peru da ceia, tudo faz parte de tradições históricas o resultado é uma festa que envolve não apenas a liturgia cristã, mas a soma de diversas crenças populares. A figura de Papai Noel reflete bem essa mistura. Em alguns casos, é difícil traçar a origem dos costumes, que podem ter várias explicações. O Papai Noel nem sempre foi como realmente o conhecemos. O simpático velhinho de roupa vermelha e barba branca, que vemos nestes dias com destaque em centros comerciais de todo o mundo e que tornou-se um ícone cultural da sociedade de consumo do terceiro milênio, era bem diferente. Apesar de ter sido baseado em um bispo que viveu no século IV da nossa era, o sorridente personagem que encanta as crianças foi elaborado nos últimos 17 séculos com elementos de mitos de diversas regiões e países. O personagem original foi bispo da cidade de Mira, no antigo reino de Lícia, na atual Turquia, de nome Nicolau, célebre pela generosidade mostrada junto a crianças e pobres, mas que, mesmo assim, foi perseguido e preso pelo imperador Diocleciano. Com a chegada de Constantino ao trono de Bizâncio, o bispo Nicolau foi libertado e pôde participar do Concílio de Nicéia (325). Após a sua morte, foi canonizado pela Igreja Católica como São Nicolau. Surgiram, então, incontáveis histórias de milagres realizados pelo santo em benefício de pobres e desamparados.

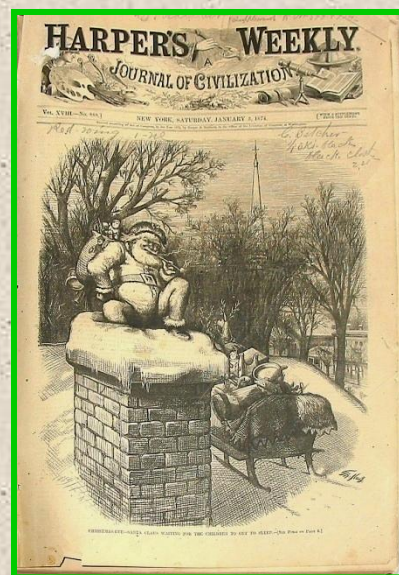
São Nicolau, segundo as lendas, colocava ouro em sacos e os arremessava pelas chaminés das casas. Os presentes de Natal jogados chaminés abaixo, caíam nas meias que ficavam esticadas nas lareiras para secar, daí a tradição natalina de se pendurar meias, junto à lareira. Depois de sua morte a Igreja nomeou-o Santo, (diziam as pessoas que o bom velhinho operava milagres). Nos primeiros séculos após sua morte, São Nicolau tornou-se padroeiro da Rússia e Grécia, bem como de inúmeras sociedades beneficentes e das crianças, jovens solteiras, marinheiros e mercadores. A partir do século VI, foram erguidas várias igrejas dedicadas ao santo, mas essa tendência foi interrompida com a Reforma, quando o culto a São Nicolau desapareceu da Europa protestante, com exceção da Holanda, onde era chamado de Sinterklaas. Na Holanda, a lenda do Sinterklaas fundiu-se a antigas histórias nórdicas sobre um mago mítico que andava em um trenó puxado por renas, premiava com presentes as crianças boas e castigava as que se comportavam mal. No século XI, mercadores italianos que passavam por Mira roubaram relíquias de São Nicolau e as levaram para Bari, a partir do quê essa cidade italiana, onde o santo jamais colocou os pés, tornou-se um centro de devoção e peregrinação. No século XVII, emigrantes holandeses levaram a tradição de Sinterklaas para os Estados Unidos, cujos habitantes adaptaram o nome para Santa Claus,

mais fácil de ser pronunciado, e criaram uma nova lenda, consolidada no século XIX, sobre um velhinho alegre e bonachão que percorria o mundo em seu trenó no Natal, distribuindo presentes. Enquanto nos Estados Unidos ele era conhecido como Santa Claus, do outro lado do Atlântico, no Reino Unido, chamava-se Father Christmas (Papai Noel). Com um nome ou outro, o certo é que o personagem baseado no bispo Nicolau tornou-se rapidamente o símbolo do Natal - estimulando as fantasias infantis - e, principalmente, ícone do comércio de presentes de Natal, que envolve anualmente bilhões de dólares. A tradição não demorou a cruzar novamente o Atlântico, dessa vez renovada, e se estender a vários países europeus, em alguns dos quais Santa Claus mudou de nome. Na França, o Father Christmas dos ingleses foi traduzido para Père Noel, nome que os espanhóis traduziram apenas pela metade - Papá Noel - e se estendeu rapidamente à América Latina. Em 1809, o escritor Washington Irving popularizou a história de São Nicolau nos Estados Unidos, descrevendo Santa Claus (seu apelido em inglês) como um duende gorducho que aparecia nas noites de Natal e distribuía presentes montado num cavalo voador. O surrealismo da história não impediu que essa imagem fosse gravada no imaginário popular. Já Clement C. Moore em seu livro "Uma visita de São Nicolau" em 1823 descrevia São Nicolau como "um elfo gordo e alegre". Quarenta anos mais tarde, Thomas Nast, um cartunista político, criou uma imagem diferente de Papai Noel, que era modificado ano a ano para a capa da revista "Harper's Weekly". Mas foi entre 1931 e 1964 que Haddon Sundblom inventava uma nova imagem de Papai Noel para a propaganda da Coca-Cola, veiculadas para todo mundo na parte de traz da revista "National Geographic".

silnunesprof.blogspot.com
noticias.terra.com.br



Papai Noel na criação de Thomas Nast, Capa da revista "Harper's Weekly".



CORREÇÃO

No Nº 16 do Memória Escoteira, na biografia de Arthur Basbaum onde se lê vindo a falecer em Novembro de 1968, leia-se vindo a falecer em 8 de novembro de 1978. Pedimos desculpas pelo nosso engano ao digitar.

CCME INFORMA



VISITA DE BISPO E DELEGADOS INTERNACIONAIS DA CICE AO CCME

Por ocasião do 2º Encontro de Delegados Internacionais Rumo a JM-J-2013, o CCME - Centro Cultural do Movimento Escoteiro, recebeu a visita do Monsenhor Xavier Nouell, Bispo Espanhol, que também é uma liderança escoteira e do Monsenhor Xavier, que foi escoteiro por muitos anos, no seminário, abriu grupos em paróquias e participou da equipe de formação em sua localidade. A visita, que aconteceu dia 3 de dezembro, contou também com a presença dos delegados da CICE (Conferência Internacional Católica de Escotismo) Andre Torricelli F. Da Rosa, do Brasil, e Diego Saez, da Argentina. Na oportunidade foram apresentadas as instalações do CCME, com destaque para a sua biblioteca que é bastante rica e diversificada de literatura escoteira, inclusive com livros sobre o escotismo Católico brasileiro e internacional. O CCME será a casa de referência para os escoteiros de todo o mundo durante a JM-J-2013, no Rio de Janeiro, de 23 a 28 de julho do próximo ano.



Chefe Torricelli ladeado pelos visitantes

CCME RECEBE DOAÇÕES

No dia 03 de dezembro o CCME recebeu uma valorosa doação da Manpower Group. Foram 13 computadores e 19 cadeiras estofadas. "Papai Noel existe"

X-ASSEMBLEIA ORDINARIA DO CCME

Em 05 de dezembro realizou-se no auditório da Diretoria de Portos e Costas a X Assembleia Geral Ordinária do Centro Cultural do Movimento Escoteiro. Durante a mesma o Presidente do CCME apresentou o seu Relatório anual bem como a prestação de contas, que foram aprovados por unanimidade pelos membros da assembleia.



Almte. Mauro Cesar, presidente da Assembleia, ladeado pelo Dr. Roberto Ricardo, Presidente do CCME e pelo Almte. Sávio, Vice Presidente da Assembleia.

INAUGURADA A EXPOSIÇÃO DE MINIATURAS

Inaugurada no dia 05 de dezembro, logo após o encerramento da Assembleia, a Exposição de Miniaturas, na sede do CCME. Comemorando o evento foi servido um farto coquetel.



NOSSA HISTÓRIA

ELES AJUDARAM A CONSTRUIR O BRASIL

MARECHAL DEODORO DA FONSECA



O militar e político brasileiro Marechal Deodoro da Fonseca foi o primeiro presidente brasileiro, assim como o responsável por proclamar a República Brasileira no ano de 1889. Seu prestígio o colocou a frente das forças republicanas e antiescravistas, que culminaram com a queda do Império. No dia 5 de agosto de 1827 nascia Manuel Deodoro da Fonseca na Cidade de Alagoas, hoje chamada de Marechal Deodoro. Filho de Manoel Mendes da Fonseca ingressou na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1843 onde completou o curso de Artilharia em 1847. No ano seguinte, 1848, com apenas 21 anos, já integrava as tropas das forças armadas brasileiras no combate a Revolta Praieira que ocorria em Pernambuco. Mais tarde, participa da Guerra da Cisplatina e também da Guerra do Paraguai, sua conduta no campo de batalha e a determinação e afincio que o militar apresentava o tornava diferenciado dos demais, ganhando então prestígio e reconhecimento. Já em 1868 chegou ao posto de Coronel, sendo promovido logo mais, em 1874, ao posto de Brigadeiro e finalmente tornando-se Marechal no ano de 1884. No ano seguinte, 1885, é nomeado chefe de armas da província do Rio Grande do Sul, na qual se tornaria o presidente no mesmo ano.

Em 1886, Deodoro da Fonseca vai para o Rio de Janeiro, onde assume a liderança da facção do Exército que defendia a abolição da escravidão no Brasil. Então estabelecido no Rio de Janeiro, preside o recente Clube Militar, que engrossava a questão militar no cenário contra a monarquia e defensora do republicanismo, no período de 1887 até 1889. Muito prestigiado, os integrantes do movimento que planejava depor o imperador brasileiro Dom Pedro II o escolhem para ser o líder do processo. A aceitação do militar era praticamente unânime. Desta forma, no dia 15 de novembro de 1889 o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República Brasileira, depondo o imperador Dom Pedro II e assumindo o governo provisório republicano. Deodoro da Fonseca nomeia então para ministros de seu governo republicanos que eram historicamente renomados e liberais da monarquia. Mas com o passar do tempo todo o apoio que o Marechal recebera durante anos passou a desmoronar. A conduta do militar à frente do governo brasileiro causou insatisfação em muitos dos seus seguidores que esperavam outros rumos para o Brasil republicano. Como presidente provisório acabou entrando em conflito com as lideranças

civis, também resistiu à convocação da Assembleia Constituinte. Sua eleição como Presidente não mais em caráter provisório só foi garantida porque os militares exerceram grande pressão sobre o Congresso, que o elegeu de forma indireta em 1891. Como Presidente eleito continuou causando incômodo com suas atitudes no poder. Entretanto, marcou seu governo pela promulgação de avanços na Constituição Brasileira. Ainda em 1890, época do governo provisório, criou o Código Penal brasileiro e reformou o Código Comercial. Em 1891 promulgou então a primeira Constituição Republicana do Brasil, dando passos de inspiração liberal e com um caráter muito próximo da norte americana. Colocou ponto final em elementos constitucionais típicos do período monárquico como Poder Moderador, Senado Vitalício e união entre Igreja e Estado. Instituiu também o casamento civil e a laicização dos cemitérios. Seu governo perderia ,

Completamente, as forças quando resolve extinguir o Congresso no dia 3 de novembro de 1891, provocando uma reação violenta. Na tentativa de derrotar a oposição, elabora um golpe de Estado. Mas não tinha mais o apoio de outrora, o próprio exército já não lhe dava mais sustentação e enfrenta a resistência liderada pelo vice-presidente, o Marechal Floriano Peixoto. Sem ter como se sustentar, renuncia no dia 23 de novembro de 1891. Depois de deixar a presidência, o Marechal Deodoro da Fonseca continuou morando no Rio de Janeiro e ficou enfermo. Antes de morrer o ex-presidente pediu para ser enterrado em trajes civis, mas seu desejo não foi atendido. No dia 23 de agosto de 1892 Deodoro da Fonseca faleceu em decorrência de uma dispneia (dificuldade respiratória) e seu enterro foi tomado por pompas e honras militares. Deodoro se tornou o grande ícone da Proclamação da República, já teve o rosto estampado em notas das moedas brasileiras, recebeu vários monumentos em sua homenagem e foi representado algumas vezes no cinema e na televisão.

Texto:Antonio Gasparetto Junior

ALMIRANTE TAMANDARÉ

13 DE DEZEMBRO – DIA DO MARINHEIRO



“ Honra é a força que nos impele a prestigiar nossa personalidade. É o sentimento avançado do nosso patrimônio moral, um misto de brio e de valor. Ela exige a posse da perfeita compreensão do que é justo, nobre e

respeitável, para elevação da nossa dignidade; a bravura para desafrontar perigos de toda ordem, na defesa da verdade, do direito e da justiça .” Joaquim Marques Lisboa – Patrono da Marinha .

O Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, foi indiscutivelmente figura destacada no cenário militar do Brasil durante o Império, principalmente no Segundo Reinado. Ingressou na Marinha de Guerra, no alvorecer da Independência que ajudou a firmar e consolidar. Tamandaré foi uma das colunas resistentes e inabaláveis que, com o grande Caxias, consolidou a Independência Nacional, firmou o Império, resguardando-o da desagregação, implantou o respeito ao soberano, manteve a disciplina nas Forças Armadas, a concórdia e a paz no espírito irrequieto dos brasileiros, do extremo norte ao extremo sul do Brasil, como um dever imperativo do seu sincero patriotismo. Além das Guerras da Independência, onde esteve embarcado na Fragata Niterói, participando da épica perseguição a frota portuguesa que deixava a Bahia; comandou navios de guerra da Marinha Imperial no Rio da Prata durante a Guerra Cisplatina, destacando-se na captura do navio argentino Ocho de Febrero . No período regencial cumpriu várias comissões no mar, tomando parte ativa em duas revoluções, a “Setembrizada” em 1831, e a “Abrilada” em 1832, em Pernambuco. E mais adiante participou da Revolta dos Cabanos, no Para, em 1835. Destacou-se também com intensa participação no combate a Balaiada, movimento que sublevoou as Províncias do Maranhão e Piauí entre 1838 e 1841. O então Capitão-Tenente Joaquim Marques Lisboa, nomeado Comandante da Força Naval em operação contra os insurretos, após estudar a região em que teria que combater, armou pequenas embarcações, que enviadas para diversos pontos dos principais rios maranhenses, combateriam os rebeldes isoladamente ou apoiando forças em terra. Já no Segundo Reinado, como Capitão de Mar e Guerra, foi o primeiro comandante da Fragata a vapor D. Afonso , primeiro navio de guerra de grande porte incorporado pela Marinha Brasileira, construído na Inglaterra. No dia da viagem de experiência, salvou, com grande risco de sua vida, de sua gente e de seu navio a tripulação da Galera Ocean Monarch, em águas inglesas. Já no Rio de Janeiro consegue rebocar e trazer para dentro da Baía de Guanabara a Nau Vasco da Gama que se achava em perigo fora da barra. No comando deste navio auxiliou na defesa da Cidade de Recife, quando esta foi atacada por insurretos na Revolta Praieira, em 1849.

Como oficial-general, comandou a força naval brasileira no Rio da Prata entre os anos de 1864 a 1866. Atuando no conflito em solo uruguaio, quando exerceu o Comando-Geral das tropas de Marinha na Tomada de Paissandu. Exerceu o comando da Esquadra Brasileira na primeira fase da guerra contra o Paraguai quando, para além das vitórias em combate, organizou toda a linha logística necessária para a manutenção dos principais navios da Armada Imperial a tão grande distância de sua sede. O Almirante Tamandaré veio a falecer na então Capital Federal, Rio de Janeiro, em 20 de março de 1897.

TESTAMENTO DO MARQUÊS DE TAMANDARÉ

Exijo que meu corpo seja vestido somente com camisa, ceroula e coberto com um lençol, metido em um caixão forrado de baeta, tendo uma cruz na mesma fazenda, branca, e sobre ela colocada a âncora verde que me ofereceu a Escola Naval em 13 de Dezembro de 1892, devendo-se colocar no lugar que faz cruz a haste e o cepo um coração imitando o de Jesus, para que assim ornado signifique a âncora-cruz, o emblema da fé, esperança e caridade, que procurei conservar sempre como timbre dos meus sentimentos. Sobre o caixão não desejo que se coloque coroas, flores nem enfeites de qualquer espécie, e só a comenda do cruzeiro que ornava o peito do Sr. D. Pedro II em Uruguaiana, quando compareceu como primeiro dos voluntários da pátria para libertar aquela possessão brasileira do jugo dos paraguaios que a aviltavam com sua pressão; e como tributo de gratidão e benevolência com que sempre me honrou e da lealdade que constantemente a S. M. I tributei, desejo que essa comenda relíquia esteja sobre meu corpo até que baixe à sepultura. Exijo que não se façam anúncios e nem convites para o enterro de meus restos mortais, que desejo sejam conduzidos de casa ao carro e deste à cova por meus irmãos em Jesus o Cristo que hajam obtido o fórum de cidadãos pela Lei de 13 de Maio. Isto prescrevo como prova de consideração a essa classe de cidadãos em reparação a

falta de atenção que com eles se teve pelo que sofreram durante o estado de escravidão; e reverente homenagem à grande Isabel Redentora, benemerita da Pátria e da Humanidade, que se imortalizou libertando-os. Exijo mais, que meu corpo seja conduzido em carrocinha de última classe, enterrado em sepultura rasa até poder ser exumado, e meus ossos colocados com os de meus pais, irmãos e parentes, no jazigo da família Marques Lisboa.

Como homenagem à Marinha, minha diletta carreira, em que tive a fortuna de servir a minha Pátria e prestar alguns serviços à humanidade, peço que sobre a pedra que cobrir minha sepultura se escreva:

"Aqui jaz o velho marinheiro".

Almirante Joaquim Marques Lisboa

Texto: Marinha do Brasil

FOTO DO MES



LADY BADEN-POWELL

ARTIGOS DO MES

COLUNA DO SÜFFERT



8. COMPREENDENDO AS “ATIVIDADES PROGRESSIVAS, ATRAENTES E VARIADAS” NO MÉTODO ESCOTEIRO.

O texto completo do quarto ponto do Método Escoteiro é: Atividades Progressivas, Atraentes e Variadas, compreendendo: a) Jogos; b) Adestramento em técnicas úteis, estimulado por um sistema de distintivos; c) Vida ao ar livre em contato com a Natureza; d) integração com a comunidade; e) Mística em ambiente fraterno.

Atividades Escoteiras é um termo que engloba todos os tipos de ações que os jovens desenvolvem no Movimento Escoteiro: Reuniões semanais, Acampamentos e Acantonamentos, Passeios, Visitas e outras tantas atividades especiais de cada sessão, de equipes e mesmo individuais. O título desse ponto do Método Escoteiro destaca que as atividades devem ser progressivas atraentes e variadas. Progressivas, não somente de ramo para ramo, mas programadas de uma forma a exigir conhecimentos e habilidades crescentes, a partir das experiências já adquiridas em atividades anteriores. Esse aspecto do Método caracteriza que cada sessão amadurece em sua vivência escoteira, consolidando pouco a pouco a prática adquirida para permitir, por exemplo, a participação daqueles mais capacitados em um grande acampamento nacional ou internacional. Para manter a parti-

cipação ativa dos jovens, as atividades também devem ser atraentes, ou seja, resultar no interesse efetivo dos participantes. A habilidade do Escoteiro está em saber combinar receitas criativas de atividades escoteiras com a motivação trazida pelos jovens. Quando isto é considerado no planejamento das atividades, de acordo com o Propósito e os Princípios do Escotismo aumentamos as probabilidades de sucesso. A programação das atividades deve considerar um todo integrado e não uma colocação de ações desconexas, atendendo a impulsos do momento. Para tanto, é também indispensável que as atividades sejam variadas, ou seja, evitem uma rotina monótona e a tendência em se concentrar naqueles tipos preferidos por parte da chefia – “De novo Chefe?” é uma expressão que pode e deve ser abolida com a hábil variação de locais das atividades, sempre dando preferência aquelas realizadas ao ar livre, buscando-se um equilíbrio entre ações que propiciam um desenvolvimento físico com as que desenvolvem os aspectos intelectuais, sociais, afetivos e espirituais, sob a forma de múltiplos temas, eventualmente com a utilização de módulos de programação.

(Continua no próximo número)

ATENÇÃO
TIRE SUA ESPECIALIDADE DE
EXCURSIONISTA, FAZENDO O
CURSO QUE SERA INICIADO EM
FEVEREIRO, PROMOVIDO PELO
CCME. INSCRIÇÕES ABERTAS A
PARTIR DE 08 DE JANEIRO 2013.

AS FUNÇÕES DOS GRADUADOS

Por Ivan Bordallo (IM Escoteiro)

Certamente a mais importante, embora importante, das funções do Monitor, não é carregar a Bandeirola da Patrulha ou formá-la de maneira mais ou menos ruidosa a cada chamado da Chefia. Os Graduados têm um papel dos mais relevantes na Tropa, pois são eles os responsáveis pelo que acontece com as Patrulhas. A ação do Monitor e do Submonitor é que definem o sucesso das Patrulhas e como consequência o sucesso da Tropa. Para o bom desempenho de seu trabalho à frente das Patrulhas e, compartilhando com a Chefia a direção da Tropa, os Graduados devem conhecer e cumprir com suas responsabilidades:

- 1) Praticar uma atitude alinhada com os Valores Escoteiros expressos na Lei e na Promessa, sendo um bom exemplo para sua Patrulha e a Tropa;
- 2) Estar presente e comprometido com sua tarefa, como líder democrático;
- 3) Trabalhar integrado ao seu Submonitor, preparando-o para assumir a Patrulha, quando você não puder estar presente ou deixar o cargo;
- 4) Recepcionar e integrar na Patrulha aspirantes à Tropa;
- 5) Dar exemplo nas conquistas dos Distintivos de Progressão;
- 6) Reconhecer as capacidades e limitações de cada membro da Patrulha criando um ambiente agradável, receptivo e amistoso que favoreça o desenvolvimento de todos;
- 7) Fomentar o espírito de amizade e fraternidade na Patrulha e na Tropa;
- 8) Participar intensamente da vida da Patrulha e da Tropa, identificando problemas e sugerindo soluções;
- 9) Contribuir para a disciplina da Tropa pelo exemplo pessoal;
- 10) Incentivar os mais hábeis ou experientes a apoiar, motivar e ensinar aos demais;
- 11) Organizar e presidir reuniões e Conselhos de Patrulha;
- 12) Dar responsabilidades definidas a cada membro da Patrulha. A ideia é que com o tempo todos saibam fazer de tudo. Portanto observar o rodízio nas tarefas delegadas;
- 13) Representar a sua Patrulha nas Reuniões da Corte de Honra e cooperar para o seu funcionamento pleno;
- 14) Manter a sua Patrulha informada das

das decisões da Corte de Honra, exceto as informações que tiverem caráter reservado. Naturalmente, após a leitura da descrição das Funções dos Graduados, cabe a pergunta: Como os jovens podem atender ao desempenho das tarefas inerentes ao exercício do cargo? A resposta é simples: Uma das principais tarefas dos Escotistas é tornar os Graduados capazes de organizar e liderar suas Patrulhas. Vamos procurar nas próximas linhas dar alguma orientação sobre como cuidar da capacitação e apoio aos jovens para que tenham sucesso. O Sistema de Patrulhas – Acho que é possível afirmar que o trabalho do Escotista, principalmente nos Ramos Escoteiro e Sênior está apoiado em três elementos principais: A qualidade de relacionamento entre os adultos e os jovens, o Sistema de Patrulhas e a aplicação conscienciosa e sistemática do Método Escoteiro. É a existência do Sistema de Patrulha como dinâmica de desenvolvimento de lideranças, iniciativa, responsabilidade e cooperativismo que cria o espaço para gestão democrática compartilhada entre jovens e adultos, assegurando a livre expressão dos anseios dos jovens, que acaba se concretizando no programa e na “forma de viver,” na identidade da Seção. O Sistema de Patrulhas é apoiado num ideário muito simples: Os membros de cada Patrulha escolhem seu líder: O Monitor. Os Escotistas capacitam os Monitores em técnicas de liderança e habilidades úteis e os Monitores transmitem esses conhecimentos aos integrantes das Patrulhas, que vão aos poucos se tornando cada vez mais aptos a participar das inúmeras e variadas atividades que a Tropa proporciona. Portanto, são os Monitores que vão iniciar os membros de suas Patrulhas em nós e amarras, pioneirias, leitura de mapas, uso da bússola, manejo de ferramentas e muitas outras técnicas e habilidades que vão possibilitar a participação em acampamentos, excursões, grandes jogos e outras atividades previstas no Calendário da Seção. Cabe ao Escotista criar oportunidades para o treinamento dos Monitores, o que pode e deve ser feito por processos e meios variados: Corte de Honra - Reservar uma parte do horário previsto para a reunião para ensinar aos Graduados alguma técnica específica: Por exemplo – Trabalhar com mapa e bússola. Atividades Especiais de Graduados - Ainda não inventaram nada melhor do que aprender fazendo. Assim será fantástico e muito produtivo para a capacitação

dos Graduados uma atividade de uma tarde ou de um dia inteiro para desenvolver de forma prática as habilidades em liderança ou técnicas escoteiras. Já pensou em fundar uma Patrulha de Graduados, aumentando o espírito de equipe entre os Graduados?

Acampamentos de Graduados - Bom mesmo seria realizar pelo menos duas vezes por ano, um acampamento para os Graduados. Um fim de semana dedicado inteiramente a aperfeiçoar, suprir e desenvolver as habilidades dos Monitores e Submonitores. Reuniões de Tropa - Não esquecer de incluir no programa das reuniões de Tropa um horário em que o Monitor aprende algo de novo, enquanto o Submonitor lidera a Patrulha em alguma atividade. A seguir o Monitor instrui a Patrulha sobre o que aprendeu e a Chefia e então aplica uma atividade em que a Patrulha precisa aplicar o que aprendeu com o Monitor. Isto é puro Sistema de Patrulhas.

Orientação Individual – Além de tudo isso faz-se necessário também que os Escotistas observem a conduta dos Monitores na liderança de suas Patrulhas e, oportunamente, orientem os jovens, conversando individualmente, orientando e aconselhando sobre a necessidade de modificar alguma atitude, implementar alguma habilidade ou estratégia ou simplesmente incentivar rumo ao caminho certo. Esperamos que as sugestões acima possam auxiliá-lo no trabalho de tornar os seus Graduados capazes de trabalhar com as Patrulhas e compartilhar com os jovens a direção da Seção, aplicando de verdade o Sistema de Patrulhas.



CURSOS PARA 2013

Excursionismo (inscrições abertas em janeiro);

Graduados Seniores;

História Naval (para especialidade);

"Contaçon" de Histórias;

Liderança;

Relações Humanas;

Planejamento Estratégico Aplicado ao
Escotismo;

E muito mais

Ela não tinha muitas lembranças do seu passado. Sua mãe morreu um mês depois que nasceu vítima de uma pedrada dada por um homem. Sem motivo. Um Pardal Cinzento trazia comida para ela todos os dias. Assim se fortaleceu até que sozinha procurava sua comida. O Pardal Cinzento um dia também sumiu. Quem sabe morreu por outra pedrada de outro homem. Corria deles. Parece que não gostavam das flores, dos animais, dos pássaros, das árvores e matavam por qualquer coisa por nenhum motivo. Saía pela manhã para procurar sua alimentação e voltava logo. Costumava voar até o Brejo da Saudade onde encontrava sempre minhoquinhas pequenas e elas lhe davam força para viver mais um dia. Gostava de ir passear também pelo Vale da Esperança, pois sempre encontrava borboletas, bem-te-vis, abelhas douradas e elas eram grandes amigas. Mas a maioria do tempo ela passava ali, no galho da Arvore da Felicidade. Grande amiga. A viu crescer e se tornar adulta. Tinha ali sua casinha. Ficava sempre a perscrutar o horizonte para ver se algum animal, e se algum pássaro poderia vir para aproveitar a sombra da Arvore da Felicidade. De vez em quando aparecia um quati, um lobo, uma onça ou um tatu e uma vez viu muito quando um casal de antas que cantavam dando gargalhadas uma canção esquisita. Diziam: - Rataplã do Arrebol! Ainda bem que nunca apareceu um homem. Tinha muito medo de pedradas. Mas naquela manhã, quase quando o sol ficou sem sombra chegaram seis meninos. A Coruja dos Olhos Verdes se escondeu na copa da Árvore da Felicidade. Eles se arrancharam e uns pegaram lenha outro foi ao Riacho do Amor pegar água nos cantis e pescar. Eram alegres e a Coruja dos Olhos Verdes criou coragem e voltou ao seu posto de observação. Eles não gritavam, não brigavam e cantavam muito. Tinham um enorme chapéu de três bicos na cabeça um lenço cor verde e amarelo e suas roupas eram iguais. Fizeram uma espécie de sopa e comeram com vontade. Um deles cujo nome era Toquinho olhou para cima e viu a Coruja dos Olhos Verdes. Parecia que ele entendia sua língua e ele disse – Olha Corujinha, você é linda! Não tenha medo. Sou um Escoteiro e o Escoteiro é amigo dos animais e das plantas! Ela sorriu e ainda tremendo disse – Olá! Os outros a viram, mas não sabiam sua língua. Só o Toquinho. Ficaram por um dia e meio. À noite cantaram canções lindas. Acenderam uma fogueira e a Arvore da Felicidade

reclamou da fumaça. Dormiram encostados a Árvore da Felicidade. Nem bem o sol apareceu no horizonte levantaram e se foram. Toquinho olhou para a Coruja dos Olhos Verdes e se despediu. Adeus linda corujinha. Quem sabe um dia voltaremos a nos ver?

Quando viraram na Colina Verdejante, próximo ao Monte da Alegria o vento balançou os galhos e as folhas da Arvore da Felicidade e eles desapareceram de sua vista. A Coruja dos Olhos Verdes começou a chorar. A Árvore da Felicidade chorou também. – Porque não vai atrás deles e saber onde vão ficar? A Coruja dos Olhos Verdes não se fez de rogada. Lá foi ela batendo suas asas atrás dos meninos do chapéu de três bicos. Voava alto quando os viu. Viu também um grande acampamento de escoteiros e escoteiras. Pareciam formigas a correr aqui e ali. Viu que os seis meninos erraram o caminho. Ela foi voando até lá e teve que descer para falar com Toquinho onde era o caminho certo. Ele agradeceu. Voltaram e pegaram a trilha certa. Foi uma boa ação que ela fez. Começou a voar de volta. Não era longe a sua morada na Arvore da Felicidade. Sentiu uma forte dor na asa direita. Olhou e viu dois meninos que não eram escoteiros com pedras na mão. Eles a tinham acertado. Com muito custo voando com muita dificuldade chegou a sua casinha. Deitou. Uma dor enorme ela sentia. Muito sangue escorria. Acordou e viu sua mãe e o Pardal Cinzento que a ajudou quando pequena a sorrirem para ela. Mostraram uma nuvem e ela voou até lá. Sentaram na nuvem branca e subiram aos céus. Árvore da Felicidade chorou por muito tempo. Agora estava sozinha. A corujinha se fora. Os animais que ali apareciam também choravam. Um dia, numa tarde linda, com ventos brandos vindo do norte, em meio a uma brisa fresca, eis que apareceu a Coruja dos Olhos Verdes. Sorriu para a Árvore da Felicidade que também sorriu. E a felicidade voltou a viver junto a todos que moravam no Vale da Esperança. A Árvore da Felicidade e todos os que ali chegavam para descansar na sua sombra sempre sorriam. Mesmo onde existe a maldade, devemos perdoar e sorrir. Isto é como se a felicidade estivesse sempre conosco. A Árvore da Felicidade aprendeu com a Coruja de Olhos Verdes que a verdadeira felicidade é fazer os outros felizes!

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

O VAQUEIRO DO NORDESTE



Na paisagem inconfundível do sertão nordestino, domínio da caatinga ressequida e espinhenta, vive um tipo humano cujas características somáticas e psicológicas são um espelho fiel do meio em que habita. Pequeno no porte, magro e sóbrio de músculos; taciturno e desajeitado em descanso, intrépido e vibrátil quando solicitado para a ação. É o sertanejo do Nordeste, magistralmente descrito, estudado e interpretado pelo gênio imortal de Euclides da Cunha. Povo a "tapuíretama" — a vasta região das chapadas e dos tabuleiros do Nordeste brasileiro, terra atormentada ora pelas secas causticantes, ora pelas chuvas torrenciais; onde ventos turbilhonantes sucedem a longos meses de pesadas calmarias. Montanhas graníticas reverberando ao sol rútilos lampejos a ofuscar a vista. Flora castigada pelas intempéries e pelo solo arenoso, ressequido. Cactáceas, bromeliáceas, velosíáceas, apocináceas, toda a gama da angustiante vegetação xerófila. Porco do mato, caititu,, ema, tapir, e suçuarana, eis algumas espécies de sua fauna bravia. Seres esquivos, brutais, traiçoeiros como a própria terra que lhes serve de berço. Natureza extremada, que não conhece economia, passando do paraíso deslumbrante e fugaz que é a época do "verde" (das chuvas) para o inferno quase permanente da "magrém" (época da seca).

E é neste cenário de desperdícios que nasce, se agita e morre o vaqueiro-nordestino — o mais forte, o mais bravo dos filhos do sertão, — por cuja fortaleza física e moral bem merece se lhe eduque a terra, a fim de que ele se possa integrar no concerto da civilização brasileira. O seu tipo étnico provém do contacto do branco colonizador com o gentio, durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste. A predominância de sangue índio acentua-lhe o espírito aventureiro e o sentimento de liberdade de ação, pelo que não se adaptou ao sedentário e disciplinado labor agrícola. Manifestou-se, no entanto, elemento utilíssimo na ação dinâmica do pastoreio, como peão nas "fazendas de criar" do século XVII, quando começou nos sertões brasileiros o grande ciclo econômico da criação do gado. De simples peão passa a vaqueiro — título e cargo dos quais tanto se orgulha, por lhe conferir honrosa posição de relevo na pequena sociedade rural sertaneja. Quando lhe cabe administrar a fazenda do patrão citadino, tem direito à posse de parte do rebanho sob sua guarda, sendo proverbial a honestidade do vaqueiro na administração dos bens alheios. É a existência, desta figura estoica de vivente, uma intensa e perene luta. Muitas vezes, na faina profissional, montado em seu cavalo pequeno, magro e resistente, como ele próprio, fica horas a fio imóvel, desajeitado

recurso sobre a alimária, olhando a paisagem cinzenta e monótona, enquanto a gadaria pasta molemente a vegetação ressequida dos "gerais". Doutra feita, toda a sua habilidade se transmuda em atividade, energia, ação. É quando, reconduzindo o gado à fazenda, acontece, espantada pelo encontro imprevisto com uma seriema assustadiça ou um caititu que descuidado sorvia as gotas últimas de uma "ipueira", transmalhar-se-lhe uma rês. Retesa-se rápido o deselegante cavaleiro e dispara caatinga a dentro, numa correria desenfreada, retilínea, tudo levando de vencida: tal como as investidas brutais do tapir ou a debandada às cegas, das emas fugazes. Deitado rente ao dorso da cavalgada e protegido, da cabeça aos pés, pela sua roupagem de couro, lá se vai o bravo vaqueiro, quebrando e estalando a seca e contorcida galharia na perseguição tenaz do animal desgarrado. E só cessa esta insensata, mas corajosa disparada, ao trazer de novo a rês à sua tropa. A fim de — nas arremetidas caatingas a dentro no encalço das reses fugitivas, ou, varando-a frequentemente em viagem — proteger-se dos espinhos acerados dos arbustos, dos cardos e das demais pontas agressivas da vegetação inextricável, usa o vaqueiro uma verdadeira armadura de couro. Descrevamo-la com as palavras do próprio Euclides. As vestes são uma armadura. Envolto no "gibão" de couro curtido, de bode ou de vaqueta apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em "joelheiras" de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas "luvas" e "guarda-pés" de pele de veado — é como a forma grosseira de campeador medieval desgarrado em nosso tempo. Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha, ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve o combatente de uma batalha sem vitória.. "Interessante é comparar-se esse tipo nordestino com seu irmão do Sul — o gaúcho dominador da campanha.

Esses dois tipos tão diferentes, que se agitam em duas paisagens tão desiguais, ambos têm no cavalo um colaborador precioso, valendo, no entanto, mais o "pingo" para o gaúcho que o enfeita, e trata, e acaricia, e não dispensa, do que o "quartau" magro, resignado e encourado, para o vaqueiro sertanejo. O gaúcho é combativo, impulsivo, exuberante; o seu irmão nordestino não é combativo, mas combatente; não é impulsivo, e sim calculista; não tem a palavra e o gesto largos; é lacônico e retraído. Só se assemelham quanto ao gênero de vida, aos sentimentos de liberdade e de honra, quanto à proibidade: o "rodeio" sulino, a "disparada" do gado pelas planícies sulrio-grandenses, têm correspondência com a "vaquejada", a "pegada" do boi, o "estouro da boiada" nordestinos. No Sul, o "rodeio" é a festa preferida onde se exibem e realçam os cavaleiros mais destros, domando o potro bravio; no Nordeste, a "pegada" do boi reúne os vaqueiros numa porfia doida de segurar o animal arredio. A "vaquejada" é a reunião no "rodeador" — lugar escolhido para o ajuntamento — da gadaria das fazendas circunvizinhas, para a marcação e apartejamento do gado. Terminada a faina, cheia de peripécias, lá se vão as boiadas a caminho das fazendas, acalentadas pelo canto monótono, saudoso, triste e distante: o "aboiado". As lides da "vaquejada", da "pegada" do boi; a "arrancada", "arribada" ou "estouro da boiada"; os raros folguedos, onde estalando as alpercatas dança o vaqueiro o sapateado; os desafios de viola, onde dão largas ao seu gênio de poeta repentista — são os únicos instantes de movimento, de vibração, de vida, na existência paupérrima e monótona deste heroico e honesto tipo sertanejo.

Maria Fagundes de Sousa Doca



GAUCHO

JOGOS ESCOTEIROS

GUERRA DAS SERPENTES

Tipo: Ativo Geral

Aplicação: Lobinhos, Escoteiros, Seniores e Pioneiros

Regra: Duas equipes em filas formam duas "cobras" que devem uma pegar o "rabo" da outra. O "rabo" (último da fila) pego passará a fazer parte da outra "cobra".

Observações: Esse jogo é bastante animado, principalmente quando as equipes forem grandes. Se uma equipe ficar muito maior que a outra, começa a ficar mais pesada enquanto a outra fica mais ágil, havendo, assim, uma tendência do jogo ficar empatado. Há dois tipos de comportamento a serem observados nesse jogo: um é quando há pessoas que se soltam com facilidade e outro quando há quem faça manobras tão fechadas que forcem aos companheiros de trás soltarem e até caírem. Em ambos os casos, há um indicativo de falta de espírito de equipe. No primeiro caso, a pessoa que assim procede tende a se entregar nas primeiras dificuldades, não permitindo que desafios importantes cortem seu caminho de vida. No segundo, a pessoa mostra-se egocêntrica ao ponto de pouco se importar com os seus próprios companheiros e na vitória da equipe: quer mostrar-se apenas como o melhor e que o resto não interessa, ou que o resto perdeu o jogo por não saber acompanhá-lo. Ambos os casos merecem ser tratados pelos Escotistas.

Sugestões: É interessante aplicar uma "punição" de um dos membros passar para a serpente adversária se houver rompimento na fila.

GUERRA DOS SACIS

Tipo: Ativo Geral

Aplicação: Lobinhos, Escoteiros, Seniores e Pioneiros

Todos dentro de uma pequena área disputam, somente sobre um pé, o domínio da área, expulsando os adversários com os ombros.

Observações: Esse jogo exige dos participantes um conjunto de habilidades tanto com o pé como com os ombros.

Sugestões: Esse jogo é divertido, principalmente quando se adota o "todos contra todos", que é mais fácil se obter com Lobinhos e Pioneiros. Dessa maneira, o jogo acaba rapidamente. O condutor pode, assim, aplicar uma "melhor de três" para que o jogo dure um pouquinho mais.

Esse jogo possui características eliminatórias, e os Escotistas devem estar atentos a passar alguma tarefa aos demais, se não surgir, naturalmente, um clima de torcida.





CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO 27 ANOS DE PRESERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA MEMÓRIA ESCOTEIRA RELATÓRIO 2012

O presente relatório objetiva apresentar, de forma sucinta, as realizações do Centro Cultural do Movimento Escoteiro no decorrer do ano de 2012. As previsões de realizações foram muitas, mas a carência de recursos financeiros e humanos nos obrigou a fazer cortes e não atingir plenamente o que pretendíamos, mas isto não esmoreceu a equipe que deu o melhor de si para fazer com que o Centro Cultural do Movimento Escoteiro cumprisse a sua Missão - "Ser reconhecido, como o melhor Centro de referência do Brasil no que concerne à preservação, divulgação e apoio à Memória e a Cultura do Escotismo".

Iniciamos o exercício com a modificação de nosso Estatuto, para permitir que o CCME continuasse a existir, visto que pelo Estatuto em vigência, a época, os Diretores em exercício não poderiam se candidatar a um novo período, e nenhuma chapa foi registrada para concorrer a eleição. Assim sendo o CCME ficaria a deriva. Após o registro das alterações aprovadas na Assembleia Geral Extraordinária de primeiro de Março de 2012, houve a convocação para a IX Assembleia Geral Extraordinária, que foi realizada dia vinte cinco de julho do corrente ano, com o objetivo de eleger uma nova Diretoria para o CCME. O resultado da eleição foi o seguinte: Presidente e Vice-presidente da Assembleia Geral respectivamente os Almes. Mauro César Rodrigues Pereira e Domingos Sávio Almeida Nogueira; Presidente do CCME – Roberto Ricardo Pereira de Souza, Vice Presidente - Antonio Boulanger Uchoa Ribeiro, Diretora Administrativa Financeira – Maria Cecília Rodrigues. Conselho Fiscal: Manoel Cardoso Filho, Elisabete Cardoso Guadalupe e Fernando Lima Barros Chaves. Para suplentes do Conselho os Senhores Felipe Eduardo Portela de Paulo, William Kleber Braga Iorio Jr e André Gustavo Silveira da Silva Sá, nesta ordem de suplência. Conselho Deliberativo: Alte Mauro César Rodrigues Pereira (Presidente da Assembleia); CMG Carlos Borba(ex Presidente do CCME); Rubem Tadeu Cordeiro Perlingeiro (Representante da União dos Escoteiros do Brasil –Direção Nacional UEB/DN); Manoel Cardoso Filho (Representante do Conselho Fiscal); Alte Vicente Casales; André Torricelli e Flavio Gioia.

Sempre fiel a sua Visão de futuro a sua Missão e aos objetivos traçados, o CCME apresenta abaixo as suas principais realizações no decorrer do ano de 2012.

1 - BIBLIOTECA

Graças as doações que recebemos, em particular as feitas pelos irmãos escoteiros Flávio Gíóia e Ch.Oswaldo, nos foi possível ampliar o nosso acervo bibliográfico em 2%, contando hoje com cerca de 2100 volumes além dos livros digitalizados.

2 – ACERVO

Após estafante trabalho conseguimos organizar o acervo fotográfico do CCME e pre-pará-lo para a fase de digitalização. São 1782 fotos de diversas épocas, atividades e modalidades. Com a colaboração dos pioneiros da CIC foi possível fotografar lenços, fivelas, medalhas, distintivos e lembranças escoteiras de nosso acervo bem como organizar fichas mod. 120 de GE do Rio de Janeiro e que serão devolvidas àqueles que desejarem.

3 - EDITORAÇÃO

Este ano, por falta de recursos não nos foi possível editar nenhum livro. Editamos apenas um CD com fotos dos lenços do acervo do CCME e até outubro, 10 números do "Memória Escoteira " On Line, que está sendo expedido mensalmente para mais de 800 pessoas.

4 - EXPOSIÇÕES

"Escoteiros ao Redor do Mundo", "Escotismo do Mar" e "Miniaturas" foram as exposições promovidas pelo CCME e que até o mês de Outubro foram visitadas por aproximadamente 1100 pessoas. Destacamos dentre os visitantes os escoteiros e chefes do GEAR Capitão Lemos da Cunha, 30 GEAR São Miguel, GEAR Padre Vermin, GE Aimoré - MG (com 92 pessoas); 11º GE - RJ Siqueira Campos, participantes do Jamboree Nacional, Delegação do Rio Grande do Norte.

5 - PARTICIPAÇÕES EM ATIVIDADES EXTERNAS

O CCME se fez presente no Congresso Nacional Escoteiro realizado em São Luiz do Maranhão, no mês de abril, onde o nosso Vice Presidente recebeu a comenda Tapir de Prata, a mais alta condecoração da UEB; a nossa Diretora Administrativo-Financeiro, Maria Cecília Matos Rodrigues e o nosso Diretor para Escotismo do Mar, Andre Torricelli, foram agraciados com a medalha de Gratidão Ouro. O Presidente do CCME recebeu a Medalha 40 anos de Escotismo. A concessão destas medalhas demonstra o reconhecimento da UEB DN ao trabalho desenvolvido pela equipe do CCME na preservação da Memória do Escotismo. Marcamos ainda a nossa presença no 5º Jamboree Nacional, no Rali Escoteiro em Niterói e no Rio + 20, no aterro do Flamengo.

6 - CURSOS

Objetivando colaborar com a formação técnica dos jovens Escoteiros, o CCME promoveu neste ano de 2012, um curso de Primeiros Socorros, que contou com a colaboração do CBMERJ e do Hospital Marcílio Dias da Marinha do Brasil, e um para graduados Escoteiros. Setenta e oito jovens receberam seus certificados.

7 - OUTROS EVENTOS OCORRIDOS NO CCME

O Centro Cultural do Movimento Escoteiro abrigou no decorrer deste ano a 1ª Reunião da Jornada Mundial da Juventude; Reunião do Ramo Lobinho - AcampLobo; Mutirão Pioneiro para ajudar na catalogação do acervo do CCME; Reunião da CIC; Reuniões de Chefes de Escoteiros do Mar;

8 - SALA DOS ESCOTEIROS DO MAR

Atendendo a solicitação do CONAMAR ADJUNTO, a Presidência do CCME procedeu adaptações na Sala de Cursos para que esta pudesse ser também a "Sala dos Escoteiros do Mar", local destinado a ser o "Ponto de Encontro dos Escoteiros do Mar," local para suas reuniões.

9 - FINANÇAS

No período de Janeiro à Outubro de 2012, tivemos uma receita de R\$ 49 234,10 (quarenta e nove mil duzentos e trinta e quatro reais e dez centavos), assim discriminadas:

Contribuintes	R\$ 13 839,00
Repasse da Cantina	R\$ 14 036,36
Repasse UEB DN	R\$ 20 913,37
Cursos	R\$ 428,00
Outras receitas	R\$ 17,37

No que concerne a despesa, esta atingiu um montante de R\$ 42 704,65 (quarenta e dois mil setecentos e quatro reais e sessenta e cinco centavos) e foi assim distribuída:

CONTA	R\$
Alimentação	1 814,82
Cópias e Reproduções	1 815,00
Correios	898,47
Despesas Bancárias	1 250,18
Despesas com Exposições	3 806,84
Despesas c/viagens	1 524,00
Despesas Legais	1 566,99
INTERNET	337,46
Loja	2 479,78
Manutenção de Equipamentos	917,20
Manutenção Predial	8 319,96
Material de Escritório	1 444,27
Material de Consumo	576,43
Material de Limpeza	264,61
Material para o acervo	1 691,44
Moveis e Utensílios	1 140,70
Serviços de Terceiros	8 666,70
Telefones	3 529,43
Transportes	660,37

O aumento de nossa receita com relação a 2011 foi de aproximadamente 14% enquanto na despesa houve uma redução de cerca de 12%.

10 - Considerações Finais

Apesar das dificuldades encontradas a equipe do CCME, não se deixou levar pelo desânimo e deu o seu melhor possível para tornar o CCME cada vez melhor. Para o próximo ano é nosso intuito organizar exposições de selos escoteiros, camisetas e lenços escoteiros, e cartões e estampas escoteiras. No que concerne a cursos é nosso propósito desenvolver, dentre outros os seguintes: Excursionismo, Graduados Seniores; História Naval (para especialidade); "Contação" de histórias, Liderança; Relações Humanas; Planejamento Estratégico. Continuaremos com a edição do Memória Escoteira On Line e se as finanças melhorarem, lançaremos Minhas Aventuras como Espião, de Baden-Powell.

O nosso maior desafio continua sendo a falta de voluntários para prestarem sua colaboração junto às Diretorias e recursos financeiros para cobrir as nossas necessidades e desenvolvimento de novos projetos. Necessitaríamos, com o valor atual da contribuição, ter um quadro com no mínimo duzentos contribuintes. Estamos longe disto. Mas não é por isso que vamos desanimar, pois o nosso lema adotado desde 2006, quando assumimos o CCME pela primeira vez, continua sendo: O DIFÍCIL SERÁ REALIZADO AGORA E O IMPOSSÍVEL UM POUCO MAIS TARDE “.

Ao concluir este pequeno relatório não posso deixar de agradecer a todos aqueles que vem contribuindo para o sucesso de nossa Instituição e em particular aos Almirantes: Mauro César Rodrigues Pereira, Vicente de Paulo Phaelante Casales, Eduardo Bacellar Leal Ferreira. A Direção e aos amigos da UEB-DN que tanto tem nos ajudado; Aos nossos Diretores: Antonio Boulanger Uchoa Ribeiro, Maria Cecília Matos Rodrigues, André Torricelli e Willian Iorio. Fica aqui, também, os nossos agradecimentos a funcionária Alice, a nossa colaboradora Sonia e aos coordenadores e instrutores dos cursos.

*Rio de Janeiro, 05 de Dezembro de 2012
Roberto Ricardo Pereira de Souza
Presidente do CCME*

*"NUNCA TÃO POUCOS, COM TÃO POUCOS RECURSOS, FIZERAM TANTO"
(Almte. Luiz Edmundo Brígido Bittencourt, referindo-se a equipe do CCME)*



ATENÇÃO

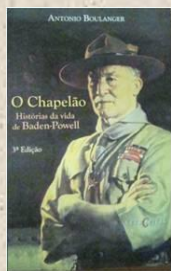
A PARTIR DO PRÓXIMO ANO O

MEMORIA ESCOTEIRA SERA

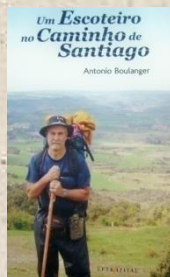
BIMENSAL.

NOSSA CANTINA

Ajude a manter vivo o CCME prestigiando a “Nossa Cantina”



L - 01



L - 02



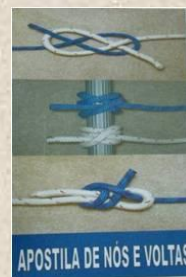
L - 03



L - 04



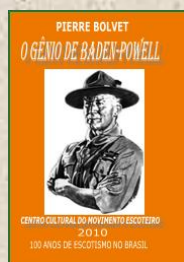
L - 05



L - 06



L - 07



L - 08



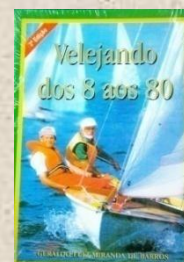
L - 09



L - 10



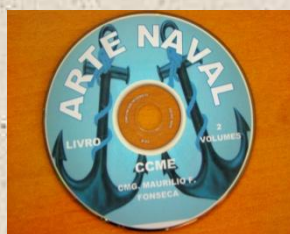
L - 11



L - 12



L - 13



CDL - 01



CDL - 02



CDL - 3



CDL - 4



CDL - 5



CDL - 6



CDM - 01



CDM - 02



CDV - 01



CDV - 02



DVD - 01



DIV - 01



DIV - 02



DIV - 03



DIV - 04 E 05



DIV - 06



DIV - 07



DIV - 08



DIV - 09



DIV - 10

CAM - 01



CAM - 02

C C M E

CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO

RUA 1º DE MARÇO 112 – CENTRO – RIO DE JANEIRO

TEL.: 021 2233 9338 e-mail ccme@ccme.org.br

TABELA DE PREÇOS

COD	ESPECIFICAÇÃO	PREÇO
L- 01	O Chapelão – Última edição	R\$ 30,00
L- 02	Um Escoteiro no Caminho de Santiago	R\$ 25,00
L- 03	Recrutando, Selecionando e Motivando Adultos para o Escotismo	R\$ 5,00
L- 04	Guia do Escoteiro	R\$ 12,00
L- 05	História do Escotismo Brasileiro vol. I	R\$ 10,00
L-06	Apostila de Nós e Voltas	R\$ 10,00
L-07	Em Meus Sonhos Volto Sempre a Gilwell	R\$ 30,00
L-08	O Gênio de Baden-Powell	R\$15,00
L-09	Sinais de Pista, Passagem de B-P pelo Brasil	R\$ 30,00
L-10	Navegar é Fácil	R\$ 90,00
L-11	Navegando com a Eletrônica	R\$ 65,00
L-12	Velejando dos 8 aos 80	R\$70,00
L-13	Astronomia sem Mistério	R\$ 70,00
CDL-01	Arte Naval (Livro em CD)	R\$ 20,00
CDL-02	Navegação, Ciência e Arte (Livro em CD)	R\$ 20,00
CDL-03	Os Mandamentos do Escoteiro (Livro em CD)	R\$15,00
CDL-04	Padrões de Acampamento (Livro em CD)	R\$15,00
CDL-05	Lendas do Brasil	R\$10,00
CDL-06	Culinária Brasileira 150 Receitas Típicas	R\$10,00
CDM-01	Sempre Alerta/Trio Irakitã	R\$10,00
CDM-02	174 Músicas Escoteiras em MP 3 (2 CDs)	R\$15,00
CDV-01	BP Uma vida extraordinária (PPS)	R\$10,00
CDV-02	Gravuras do Acervo do CCME	R\$10,00
DVD-01	Coletânea de Desenhos Animados	R\$10,00
DIV-01	Caixa com Azulejo Flor de Lis	R\$40,00
DIV-02	Azulejo Flor de Lis	R\$15,00
DIV-03	Porta Lápis	R\$ 12,00
DIV-04	Bússola com Apito e Lente	R\$ 6,00
DIV-05	Bússola	R\$ 10,00
DIV-06	Chaveiro mosquetão com bússola	R\$ 3,00
DIV-07	Talher de Campanha	R\$15,00
DIV-08	Xícara de Café	R\$10,00
DIV-09	Pin Flor de Lis	R\$10,00
DIV-10	Caxangá	R\$15,00
CAM-01	Camisa c/Mascote CCME	R\$ 25,00
CAM-02	Camisa Escoteiro do Mar	R\$ 30,00